



Reuters

que, direta ou indiretamente, pretendam deter uma participação qualificada numa instituição de crédito em Portugal têm de comunicar previamente ao Banco de Portugal o seu projeto, que notifica o Banco Central Europeu (BCE).

Bahrain IIBG acordou a compra Efisa, BPG, Novo Banco Cabo Verde e Previsão

A Bahrain IIBG Holdings está empenhada em entrar no mercado português, mas de todos os acordos que estabeleceu nenhum ainda se concretizou: nem a compra do banco Efisa, nem a compra do BPG à Fundação Oriente, nem a compra, já acordada, da Previsão, sociedade gestora dos fundos de pensões dos trabalhadores dos TLP, TDP e Marconi, à Altice.

Só a compra de 90% do Banco Internacional de Cabo Verde se concretizou. Em julho de 2018 o Novo Banco informou o mercado que concretizou a venda de 90% do capital do Banco Internacional de Cabo Verde, "à sociedade IIBG Holdings, constituída no Reino do Bahrain" depois da prévia e rápida autorização do supervisor daquele país africano.

Depois dos árabes terem acordado a compra do Banco Efisa à holding estatal Parparticipadas, por 27 milhões de euros, o IIBG pediu também autorização ao BdP para comprar o Banco Português de Gestão (BPG). Detido a 90% pela Fundação Oriente, o BPG será vendido ao Bahrain IIBG Holdings, mas também aqui não há ainda processo de autorização formal no BCE. Falta informação que tem estado a ser pedida para dar início ao processo de avaliação, sabe o JE.

Por outro lado, a venda da gestora dos fundos de pensões da Altice foi acordada também com os mesmos árabes. Mas o processo carece da autorização prévia da ASF - Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões.

Segundo revelaram fontes familiarizadas com o assunto, o pedido de autorização de compra da Previsão ainda não foi remetido à ASF pelo grupo do Bahrein. Mas o JE sabe que o IIBG vai remeter o pedido à ASF na próxima semana.

A compra da Previsão permite a este grupo árabe operar em Portugal na gestão de fundos de pensões. A venda abrangerá a totalidade de capital da Previsão, uma vez que incluirá a participação minoritária atualmente detida pelo Grupo Patris (15,45%) e pela Allianz (2,5%).

As operações de venda são essenciais para os bancos pequenos que, mais de um ano depois da entrada em vigor da Diretiva dos mercados de instrumentos financeiros (DMF II), vêem, no geral, os resultados líquidos caírem de forma significativa. ●

BANCA

BCE está prestes a aprovar a venda do BNI aos chineses do KWG

Já os processos de análise formal da venda do Banco Primus aos australianos (Pepper Group) e do Efisa e BPG ao grupo do Bahrein (IIBG), ainda nem começaram. BCE espera dados para iniciar as avaliações.

MARIA TEIXEIRA ALVES
mtalves@jornaleconomico.pt

Os bancos pequenos procuram avidamente ser protagonistas em operações de fusão e aquisição para sobreviverem à conjuntura de juros baixos e aos custos elevados inerentes ao cumprimento de todas as novas regras da indústria. Mas as operações de venda anunciadas do BNI, do Banco Primus, do Banco Português de Gestão (BPG) e do Banco Efisa continuam à espera da autorização prévia do BCE.

De entre os processos remetidos ao Banco de Portugal – que notifica depois o BCE, entidade responsável por autorizar a aquisição ou aumento de participação qualificada em instituições de crédito – só a venda do BNI Europa ao grupo chinês KWG está prestes a ser autorizada, segundo apurou o Jornal Económico.

Como está estipulado na lei, é o BCE quem toma a decisão, com base na sua avaliação da aquisição proposta, mas também com base no projeto de decisão do Banco de Portugal. Contactado, o supervisor bancário nacional não fez comentários.

O angolano BNI queria vender a maioria da sua participação no português BNI até junho deste ano. O comprador tinha a missão de fazer um aumento de capital de 15 milhões de euros no banco este ano, mas como a venda tarda em concretizar-se o banco angolano de Mário Palhares já teve de injetar 8,3 milhões de euros.

O grupo chinês KWG foi o único que concluiu o processo de instrução do pedido de autorização e por isso é o único que vai conseguir fechar a compra do BNI Europa, possivelmente, até ao fim do ano. No supervisor bancário o processo está já em fase de conclu-

são, segundo apurou o Jornal Económico.

Todas as outras operações de venda de bancos, anunciadas nos últimos anos, ainda não concluíram os respectivos processos de instrução do pedido de autorização.

O grupo do Bahrain, IIBG, acordou a compra Efisa, do BPG, do Banco Internacional de Cabo Verde e da Previsão. Mas só concretizou a compra da instituição do Novo Banco

ção, pelo que o processo formal de análise ainda nem começou.

O Banco de Portugal tem estado a pedir mais dados aos promitentes-compradores dos bancos portugueses para poder dar início ao processo de avaliação.

De entre estes casos está a venda do Banco Primus aos australianos do Pepper Group. O acionista francês Crédit Foncier acordou a venda ao grupo Pepper, que atua no setor do crédito ao consumo, em julho de 2017, mas até hoje aguarda a autorização do BCE para concluir a operação de venda acordada por 65 milhões de euros.

Apesar de tudo, este ainda é o processo mais adiantado de todos os que ainda não completaram o processo de instrução do pedido de autorização. Pois, como foi assinado há mais tempo tem, desde então, estado a enviar os dados pedidos ao Banco de Portugal.

Os promitentes-compradores